

Indústria Brasileira

Revista da Confederação Nacional da Indústria ▶ Ano 6 n° 62

dezembro 21

▼ SENADORA KÁTIA ABREU

“Brasil fez papel bonito na COP26”

Brasil vai perder o bonde em 2022?

Enquanto as principais economias devem ter uma recuperação forte, país sofre com falta de reformas e instabilidade

CONGRESSO ▶ Agenda Legislativa da Indústria avança em 2021

CONTÊINERES ▶ Mudanças logísticas fazem custos aumentarem cinco vezes

HOME OFFICE ▶ Pesquisa do IEL mostra as transformações do estágio após a pandemia



SÉRIE QUERO EXPORTAR

O jeito mais fácil de entrar no mercado internacional

Agora você tem a oportunidade de ampliar seu conhecimento sobre o processo de exportação em cursos com metodologia garantida por uma instituição de qualidade reconhecida e **100% on-line**.

São três opções de capacitações que vão desde o básico, para quem está começando no processo de internacionalização, ou temas mais avançados sobre precificação e adequação de embalagens para exportação. Faça a diferença no mercado internacional, aprenda com a série **Quero Exportar**.

**CRUZE AS FRONTEIRAS DO CONHECIMENTO, ACESSE
WWW.EXPORTAFLIXCNI.COM.BR E SAIBA MAIS.**



Confederação Nacional da Indústria
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

Carta às leitoras e aos leitores

Instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (Bird) projetam que, em 2022, a economia do mundo deve crescer em proporção semelhante à de 2021, indicando que, talvez, os piores dias da pandemia de Covid-19 de fato tenham ficado para trás. Contudo, o momento ainda é repleto de incertezas, sobretudo depois da chegada da variante ômicron, cujos efeitos ainda estão por ser descobertos.

A reportagem de capa desta edição mostra os temas que definirão a economia e a geopolítica do mundo em 2022. Especificamente em relação ao Brasil, há uma série de fatores que concorrem para um desempenho modesto no crescimento do Produto Interno Produto (PIB), inclusive na comparação com este ano. O país tende a ser afetado pela inflação, pela reorganização das cadeias produtivas e pela desaceleração da economia chinesa, entre outras questões.

Nas palavras do economista Sérgio Vale, da MB Associados, 2022 será um ano “muito complicado” para o Brasil. Ele cita a iminência das eleições como aspecto que

contribui com o cenário turbulento. Já na temática ambiental, a senadora Kátia Abreu (PP-TO) elogia a participação da comitiva brasileira na COP26, destaca os compromissos lá assumidos e chama a atenção para o papel fundamental da indústria em prol da sustentabilidade.

Outros assuntos que merecem destaque nesta edição são o desempenho de alunos do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) em competição internacional e do Serviço Social da Indústria (SESI) na *Olimpíada Brasileira de Robótica* (OBR).

O número de dezembro da revista *Indústria Brasileira* também traz reportagens sobre: os desafios e as oportunidades do estágio em modalidade remota, alternativa que surgiu com a pandemia; o avanço da agenda de interesse da indústria no Congresso Nacional em 2021; e a escassez de contêineres utilizados no frete marítimo, acompanhada do aumento de preço.

Boa leitura, boas festas e, enquanto durar a pandemia, proteja-se e proteja as pessoas próximas a você!



Conheça o Sistema Indústria

CNI

facebook ▶ [cniBrasil](#)

flickr ▶ [cniweb](#)

instagram ▶ [cniBr](#)

twitter.com ▶ [cni_br](#)

linkedin ▶ [cni-brasil](#)

youtube ▶ [cniweb](#)

SESI

facebook ▶ [SESINacional](#)

youtube ▶ [sesi](#)

linkedin ▶ [sesi-nacional](#)

SENAI

facebook ▶ [senainacional](#)

instagram ▶ [senai_nacional](#)

twitter ▶ [senainacional](#)

youtube ▶ [senaiBr](#)

linkedin ▶ [senai-nacional](#)

IEL

facebook ▶ [IELbr](#)

instagram ▶ [ielbr](#)

twitter ▶ [iel_br](#)

linkedin ▶ [iel-nacional](#)

sumário

edição nº 62 ▶ dezembro 2021

6 ARTIGO DO PRESIDENTE

8 REPORTAGEM DE CAPA

O Mundo em 2022 apresenta as perspectivas para o cenário econômico mundial no próximo ano e os desafios que o Brasil deve enfrentar

16 INFOGRAFIA

Conheça os temas econômicos e geopolíticos mais importantes para acompanhar em 2022

18 PESQUISA

Estudo encomendado pela CNI traz dados sobre os novos hábitos de consumo dos brasileiros e ajuda a entender seu impacto sobre a economia

22 SÉRGIO VALE

Economista da MB Associados projeta um 2022 difícil para a economia brasileira

24 INDÚSTRIA EM AÇÃO

SESI dá a largada na temporada 2021/2022 em competição de Fórmula 1

26 COMPETITIVIDADE

Preço de contêineres utilizados no frete marítimo e gargalos logísticos afetam indústrias e empresas brasileiras

30 AGENDA LEGISLATIVA

Pauta da indústria avança no Congresso Nacional em 2021, mas algumas matérias essenciais ainda estão longe de ser aprovadas

34 5 PERGUNTAS PARA...

Senadora Kátia Abreu (PP-TO), presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado

36 TERMÔMETRO ICEI

FALTA

38 DASHBOARD

Consulte o painel de séries históricas, pesquisas e estudos conduzidos pela área técnica da CNI

40 GIRO BRASIL

Estudante do SENAI Alagoas conquista ouro em disputa internacional

42 HOME OFFICE

Estágios em modalidade remota têm apresentado desafios e oportunidades para os estudantes

46 OUTRA VISÃO

Rodrigo Brito, gerente de Sustentabilidade Cone Sul na Coca-Cola América Latina, escreve sobre a circularidade nos processos de produção da empresa



▲
FRANK LEMES DO PRADO,
estilista de Uberaba (MG)

pode contar

Ex-aluno do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), o estilista Frank Lemes do Prado foi um dos 320 empresários que participaram da missão prospectiva comercial que a CNI coordenou para Dubai, em novembro. Dono de um ateliê, ele fala da experiência de ter participado da iniciativa: “Estamos trabalhando na construção das redes sociais e site para atuar no e-commerce. Pretendemos recontratar profissionais que dispensamos durante a pandemia e treinar nova mão de obra para atuar na nossa indústria”, conta. “Aproveitei cada minuto. Só queria absorver e não perder nenhuma oportunidade. Só tenho de agradecer e sei que muito mais está por vir. A CNI deve continuar fazendo este trabalho em outros países e continentes.”

Um cenário repleto de desafios



► **Robson Braga de Andrade**

empresário e presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI)

O surgimento da variante ômicron do coronavírus comprova que ainda é cedo para fazer previsões sobre o fim da pandemia. Essa imprevisibilidade continua sendo um importante fator de risco para a economia global.

Embora seja muito preocupante, a Covid-19 não é o único problema enfrentado pelo mundo. Há outros elementos que aumentam as incertezas e devem influenciar o desempenho econômico de todos os países no próximo ano.

Em meio ao cenário adverso, o Fundo Monetário Internacional (FMI) projeta um crescimento de 4,9% para a economia mundial e de apenas 1,5% para o Brasil em 2022.

Um dos focos de atenção do mundo é a queda do ritmo de crescimento da China, em razão da crise do setor imobiliário e das dificuldades no abastecimento de energia naquele país.

As estimativas do FMI indicam que o gigante asiático deve crescer 5,6% no ano que vem, abaixo dos 8% projetados para 2021. Isso pode reduzir as exportações brasileiras,



pois a China é, atualmente, o nosso principal parceiro comercial.

Outra fonte de instabilidade global é o aumento da inflação, que vem sendo causado, especialmente, pela desorganização das cadeias internacionais de suprimentos. Com a escassez de diversos produtos, como semicondutores, os preços estão subindo em todas as partes do planeta.

No Brasil, a aceleração da inflação, que já supera os 10% no acumulado de 12 meses, levou a um novo ciclo de aumento dos juros. Os preços e os juros altos comprometem o consumo das famílias e desestimulam os investimentos das empresas.

As adversidades externas, somadas a uma série de deficiências internas, prejudicam a recuperação da economia brasileira. Os indicadores da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostram que o faturamento do setor industrial vem caindo nos últimos meses e fechou outubro com uma queda de 12,8% em relação ao mesmo mês do ano passado.

O fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) no segundo e no terceiro

trimestres de 2021 confirma que estamos enfrentando muitas dificuldades para superar, de vez, a crise trazida pela pandemia.

Para reverter esse quadro adverso, precisamos de ações efetivas que criem um ambiente mais favorável à produção e promovam a competitividade das empresas. Isso requer a aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 110/2019, que promove a reforma da tributação sobre o consumo.

São necessárias, ainda, a modernização e ampliação da infraestrutura e a redução da burocracia nos processos de importação e exportação. É igualmente importante definir uma política robusta de apoio aos investimentos em ciência, tecnologia e inovação, além de ações que visem ao fortalecimento da indústria e à inserção internacional das nossas empresas.

Essas medidas são fundamentais para o país afastar as incertezas, atrair mais investimentos e criar empregos de qualidade. Com as políticas apropriadas, poderemos vencer a crise, voltar a crescer de forma consistente e retomar o caminho do desenvolvimento econômico e social. ■



▶ A crise no mercado imobiliário chinês indica que o país asiático crescerá a um ritmo menor em 2022, o que pode ter consequências nas cadeias produtivas do mundo inteiro



O mundo em 2022

ECONOMIA GLOBAL DEVE CRESCER 5%, MAS INFLAÇÃO, REORGANIZAÇÃO DAS CADEIAS PRODUTIVAS E DESACELERAÇÃO NA CHINA SÃO DESAFIOS PREVISÍVEIS

Apesar das incertezas provocadas pela pandemia da Covid-19, a economia mundial, que se recuperou neste ano, deverá manter o crescimento em 2022. O Fundo Monetário Internacional (FMI) estima que o desempenho econômico será positivo em 4,9% no próximo ano, depois de registrar uma alta de 5,9% em 2021. Já o Banco Mundial (Bird) prevê uma alta de 5,6% neste ano e de 4,3% em 2022. A projeção do FMI para a economia brasileira no próximo ano, no entanto, é bem mais modesta: crescimento de 1,5% no Produto Interno Bruto (PIB).

Apesar disso, o economista Estêvão Kopschitz, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), avalia que o cenário atual é bom para o Brasil. “A economia brasileira é muito influenciada pelo que acontece lá fora”, afirma ele, ressaltando que hoje o momento é de muita incerteza, porque “a situação da pandemia é diferente do que já aconteceu no passado”.

O crescimento entre os países deve ser desigual, conforme preveem FMI e Bird, porque, em alguns lugares, o percentual da população vacinada ainda é muito baixo, especialmente nos países mais pobres. “Embora o quadro da pandemia tenha melhorado, não viramos a página integralmente”, resume Rafael Cagnin, economista-chefe do Instituto de Desenvolvimento Industrial (IEDI), que cita como exemplo da incerteza no cenário econômico a piora do quadro em alguns países da Europa.

Cagnin diz que, se a questão sanitária se mantiver sob controle – sobretudo com a chegada da variante ômicron –, não haverá grandes turbulências. “A prova vai ser agora, com o aumento de casos na Europa

no final do ano. Se os países conseguirem passar bem por essa tensão, as incertezas vão se dissipar”, prevê. Nesse contexto, há um conjunto de outros fatores que devem ser analisados com atenção no cenário econômico internacional: risco de desaceleração da economia chinesa, aumento da inflação e reorganização das cadeias produtivas.

Em relação à economia da China, Cagnin detalha que, há alguns meses, se acendeu uma luz amarela com os sinais de desaceleração provocada, especialmente, pela crise no mercado imobiliário. “Isso pode ter impacto importante para o Brasil, não só pela queda nas exportações, mas pela acomodação dos preços de commodities que vinham subindo”, relata. Por outro lado, ele lembra que expectativas menores para o crescimento chinês podem ajudar a arrefecer as pressões inflacionárias.

Paulo Gala, professor da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP), avalia que a inflação seguirá elevada no próximo ano e diz que esse cenário só mudará com a normalização das cadeias produtivas. “No dia em que não tivermos filas de navios em Los Angeles, podemos ter ideia de que a inflação está passando”, comenta, referindo-se ao congestionamento de navios contêineres que aguardam para descarregar seus produtos, resultado do aumento da demanda por parte dos norte-americanos.

O economista André Perfeito, da Necton Investimentos, explica que a inflação está profundamente ligada ao lado da oferta. “A pandemia atrapalhou as cadeias produtivas. Um exemplo é a falta de chip eletrônico. Isso gera uma inflação com característica micro em muitos setores, apesar de ter componentes macro. Tivemos um período de inflação de alimentos e aumento no preço do petróleo, que tem mais a ver com a oferta. O instrumento da taxa de juros, no mundo inteiro, é pouco eficaz para a inflação causada por problemas de oferta”, avalia.

“No dia em que não tivermos filas de navios em Los Angeles, podemos ter ideia de que a inflação está passando”

▲
Paulo Gala
professor da FGV-SP

Essa também é a opinião de Antonio Corrêa Lacerda, presidente do Conselho Federal de Economia (Cofecon). “A questão-chave é que a atual pressão inflacionária se caracteriza nitidamente como um choque de oferta, e não de excesso de demanda”, diz. Segundo ele, esse problema ocorre em nível global e, por essa e por outras razões, também afeta o Brasil. “O aumento nas cotações das matérias-primas, especialmente petróleo e grãos (commodities) no mercado internacional, associado à desvalorização do real, tem pressionado os preços domésticos dos combustíveis e de outros produtos”.

Levantamento de André Perfeito, com base em dados da Bloomberg, mostra que a inflação aumentou em diversos países. Ao desalinhar as cadeias produtivas globais, explica ele, a pandemia provocou escassez de insumos no mercado internacional. Com a falta de matérias-primas e a reabertura da economia, os preços ficaram mais caros em diferentes regiões. Nos Estados Unidos, a inflação chegou a 6,2% em 12 meses, a maior desde novembro de 1990.

REORGANIZAÇÃO DAS CADEIAS PRODUTIVAS
























Ricardo Sennes, sócio da consultoria Prospectiva, destaca que a economia mundial passa, atualmente, por mudanças conjunturais – principalmente associadas à pandemia de Covid-19 – e estruturais – que envolvem a reorganização das cadeias produtivas. Segundo ele, o desenvolvimento de novas tecnologias está provocando um deslocamento econômico no qual o Brasil e a América Latina como um todo perdem em competitividade. “Não desenvolvemos um modelo para o novo ciclo tecnológico”, lamenta Sennes.

Ainda que algumas indústrias e empresas no Brasil tenham feito investimentos para acompanhar as mudanças estruturais,

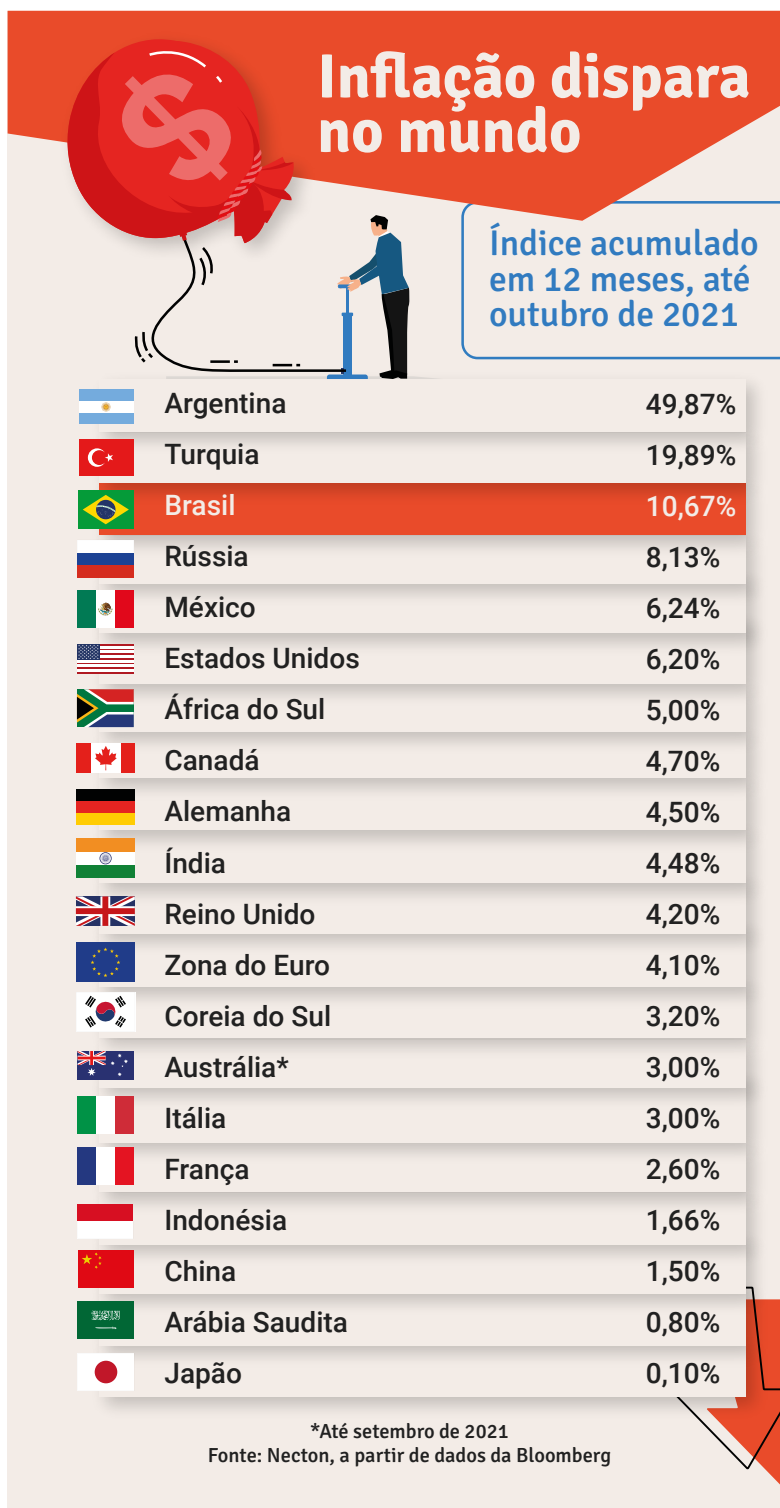
FMI projeta crescimento de 4,9% para a economia mundial em 2022



2022

 Mundo	4,9%
 Economias avançadas	4,5%
 Estados Unidos	5,2%
 Zona do Euro	4,3%
 Alemanha	4,6%
 França	3,9%
 Itália	4,2%
 Espanha	6,4%
 Japão	3,2%
 Reino Unido	5,0%
 Canadá	4,9%
 Economias emergentes	5,1%
 China	5,6%
 Índia	8,5%
 Rússia	2,9%
 América Latina e Caribe	3,0%
 Brasil	1,5%
 México	4,0%
 Oriente Médio e Ásia Central	4,1%
 Arábia Saudita	4,8%
 África Subsaariana	3,8%
 Nigéria	2,7%
 África do Sul	2,2%

Fonte: FMI



“a América Latina está sendo preterida, em particular no setor industrial e na parte do setor de serviços vinculada ao processo produtivo”, argumenta Sennes. De acordo com ele, o Brasil parece não ter conseguido formar uma agenda estratégica, nem no âmbito interno nem no externo para lidar com o novo contexto.

Em evento organizado pelo Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri), o economista Renato Baumann afirmou que, “se antes a decisão sobre a localização de unidades produtivas era essencialmente a partir de custos – de mão de obra e acesso à matéria-prima ou custo de transporte –, agora há um componente adicional geopolítico neste processo decisório, seja para reduzir a dependência de fornecedores ou por razões ideológicas”.

A esse cenário, diz Baumann, agregam-se questões como o conflito latente entre EUA e China, a perspectiva de ter que optar por um dos três padrões técnicos (norte-americano, europeu ou chinês) – que não são necessariamente compatíveis entre si – e pressões internas relacionadas ao processo de globalização, como a adoção de medidas protecionistas em alguns países. Outro elemento importante nesse contexto são os mega-acordos comerciais, que, ao defender interesses regionais, trazem mais dificuldades para países como o Brasil, diz Baumann, também do Ipea.

No mesmo evento, Sandra Rios, *senior fellow* do Cebri, afirmou que a tendência mundial é a regionalização das cadeias de valor, e que esse processo não é de agora, visto que elas sempre foram mais regionais do que globais. “Talvez a oportunidade seja aproveitar o momento para mudar nossas próprias políticas econômicas em relação à abertura comercial, optando por uma estrutura com modelos de integração”, diz ela.

Renato da Fonseca, Superintendente de Desenvolvimento Industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI), afirma

que a reorganização das cadeias produtivas abre espaço para o Brasil, mas é preciso se preparar para isso por meio de uma reforma tributária, da redução de burocracia no comércio exterior, da ampliação de acordos comerciais e de investimentos em inovação. “Novos acordos sempre ajudam, mas, sem competitividade, não aproveitaremos as oportunidades. É difícil para o Brasil entrar nas cadeias globais sem essas mudanças”, comenta.

MAIS EXPORTAÇÕES

Principais parceiros comerciais do Brasil, os Estados Unidos e a China estão entre os países que devem registrar crescimento acima de 5% em 2022, segundo as estimativas do FMI. Nos países da União Europeia, o crescimento médio esperado é de 4,3%. Fabrizio Sardelli Panzini, gerente de Integração Internacional da CNI, avalia que esse cenário vai favorecer o Brasil. “Em geral, além da pauta industrial, temos um mundo que pode ter demanda maior por produtos brasileiros”, prevê.

Esse aumento na demanda, que poderá se ampliar no próximo ano, começou em 2021. Entre janeiro e setembro, a corrente brasileira de comércio exterior de bens (soma de exportações e importações) chegou a US\$ 370,6 bilhões, a maior dos últimos cinco anos, conforme dados do Ministério da Economia. Houve crescimento generalizado dos fluxos em relação ao mesmo período de 2020, refletindo a recuperação do comércio internacional em relação aos impactos econômicos da pandemia.

A China destacou-se como o principal parceiro do Brasil tanto em exportações (34% do total) quanto em importações brasileiras (22% do total), com uma corrente bilateral de US\$ 105,9 bilhões no acumulado do ano. Embora a participação da indústria de transformação tenha caído, os principais setores apresentaram



◀ Para Ricardo Sennes (Prospectiva), o Brasil não desenvolveu um modelo para o novo ciclo tecnológico



◀ André Perfeito (Necton) avalia que aumentar os juros é uma medida pouco eficaz contra a inflação causada por problemas de oferta

► “Se antes a decisão sobre a localização de unidades produtivas era a partir de custos, agora há um componente geopolítico no processo decisório”, diz Renato Baumann (Ipea)



crescimento das exportações em relação ao mesmo período em 2020, destacando-se a fabricação de produtos alimentícios (+22%), de metais básicos (+31%) e de produtos químicos (+32%).

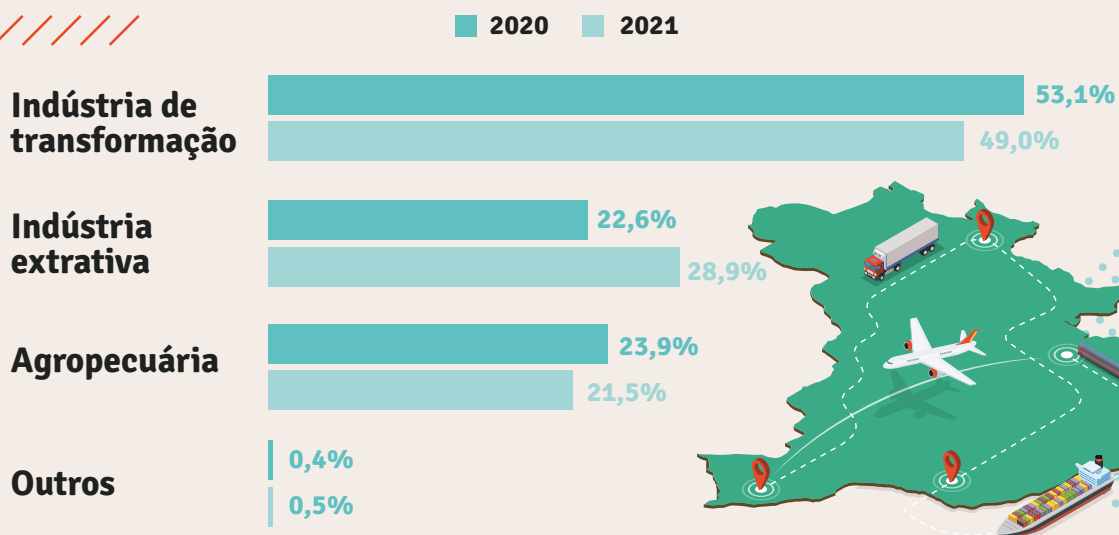
Os dados da Organização Mundial do Comércio (OMC) mostram que a alta global das exportações no segundo trimestre de 2021, em relação ao segundo trimestre de 2020, foi de 23%. Nos EUA, o aumento foi de 29%; na União Europeia, de 28%; na China, de 21%; e no Japão, de 32%. No mesmo período, as exportações do Brasil registraram uma alta de 16%. Ainda segundo a OMC, as importações brasileiras cresceram em 26%, mais que a média mundial (de 22%).

Mesmo com a recuperação da economia em diversas partes do globo, a tendência é que a disputa entre EUA e China permaneça nos próximos anos. “Essa é a nova realidade. Os conflitos entre Estados Unidos e China são desdobramentos de uma concorrência mais diversificada e complexa do ponto de vista tecnológico”, avalia Cagnin, do Iedi. Segundo ele, há uma forte aceleração da economia da China em constituir competências tecnológicas de ponta. “Em alguns aspectos, coloca em xeque a supremacia das potências ocidentais. É uma questão geopolítica que se expressa no âmbito econômico”, diz.

De acordo com ele, a geopolítica tende a ganhar importância no período pós-pandemia. “Isso passa por questões tecnológicas de proteção ambiental, entre outras. Cada vez mais, os temas ambientais organizarão as relações geopolíticas do mundo inteiro, dada a necessidade de reduzir emissões e controlar a escalada climática”, explica. Esse movimento, diz, está associado à reorganização das cadeias globais de valor.

“Esse tema nunca mais vai sair de cena. A expansão chinesa continua. A tensão com os EUA é permanente. Virou uma guerra pela fronteira tecnológica. A China conseguiu grandes avanços na produção de tecnologia própria”, reforça Gala, da FGV. Na mesma linha, Sennes, da Prospectiva, diz que a disputa com a China é um tema de enorme concordância entre os governos do democrata Joe Biden e do republicano Donald Trump, seu antecessor na presidência dos Estados Unidos: “Estamos falando de uma disputa um pouco diferente da Guerra Fria. A competição aqui é geoeconômica, e não militar”, pontua. ■

Cai participação da indústria de transformação nas exportações brasileiras



Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas da Comex Stat disponibilizadas de acordo com as Divisões de Classificação Internacional Padrão por Atividade Econômica (ISIC). Comparação entre janeiro/setembro de 2021 e janeiro/setembro de 2020.

12 TEMAS

PARA ACOMPANHAR em 2022



1. Elevação da taxa de juros (EUA)

O aumento da taxa básica de juros, que deve continuar em 2022 para tentar segurar inflação, pode reduzir o ritmo de recuperação da economia norte-americana, afetando o Brasil e outros países.

2. Pacote fiscal (EUA)

Aprovado em novembro pelo Congresso dos Estados Unidos, o pacote de investimentos em infraestrutura de US\$ 1,2 trilhão, proposto pelo governo de Joe Biden, deve estimular a economia norte-americana.

3. Desemprego e pobreza extrema (América Latina)

Esses são os dois principais problemas a serem superados nos próximos anos. Relatório da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) mostra que a pandemia desencadeou a maior crise nos mercados de trabalho dessa região desde 1950.

4. Custo de energia e desabastecimento (Europa)

Além da deterioração da situação epidemiológica, a Comissão Europeia listou como riscos econômicos para 2022 os preços da energia e os problemas de abastecimento que têm assolado o velho continente, o que pode levar a um aumento da inflação.

5. Recuperação econômica mais lenta (África)

O Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê que a retomada mais modesta do crescimento na África em comparação com o restante do mundo será repetido em 2022, em parte por causa da baixa taxa de vacinação contra a Covid-19.

6. Reestruturação do mercado imobiliário (China)

Caso não sejam resolvidos, os problemas enfrentados pela Evergrande e pela Fantasia, duas das maiores incorporadoras chinesas, podem ampliar a crise no mercado imobiliário, prejudicando a recuperação econômica. Medidas já adotadas pelo governo foram consideradas positivas.

QUESTÕES GLOBAIS



7. Acesso às vacinas contra a Covid-19

Relatório do FMI destaca que “o grande abismo no acesso às vacinas” entre as economias avançadas e de mercados emergentes e em desenvolvimento e as economias de baixa renda, onde a imunização ainda não avançou, segue sendo a principal ameaça à recuperação global.



8. Covid-19 e suas variantes

A descoberta de uma nova cepa (ômicron) na África e o aumento de casos na Europa podem gerar novas medidas de isolamento e restrições no setor produtivo, retardando a recuperação econômica.



9. Reorganização das cadeias produtivas e aumento da inflação

Ao desalinhar cadeias produtivas globais, a pandemia provocou escassez de insumos no mercado internacional e, com a falta de matérias-primas e a reabertura da economia, os preços ficaram mais caros em diferentes regiões. Ao desalinhar cadeias produtivas globais, a pandemia provocou escassez de insumos no mercado internacional e, com a falta de matérias-primas e a reabertura da economia, os preços ficaram mais caros em diferentes regiões.



10. Choques climáticos

Eventos mais adversos associados à mudança climática também podem contribuir com o aumento de migrações e estresse no mercado financeiro, colocando maiores desafios à recuperação econômica em curso.



11. Disputa geopolítica e comercial entre EUA e China

Um novo aumento na tensão entre os dois principais parceiros comerciais brasileiros poderá tanto beneficiar o Brasil, com empresas nacionais aumentando suas exportações, quanto prejudicá-lo, em caso de menor crescimento econômico dos dois países.



12. Preço do petróleo

O preço do barril do petróleo deve se manter em patamares elevados em 2022, entre US\$ 70 e US\$ 80, segundo estimativas da consultoria IHS Markit. Nesse contexto, o petróleo e seus derivados continuarão pressionando a inflação no próximo ano.

► O estudo descreve os novos hábitos de consumo dos brasileiros, que têm privilegiado as compras pela internet e dificultado a recuperação do setor de serviços

A cabeça do consumidor após a pandemia

PESQUISA ENCOMENDADA PELA CNI MOSTRA QUE O MEDO DE FREQUENTAR ALGUNS ESTABELECIMENTOS DIMINUIU, MAS CONSUMO ESBARRA EM PESSIMISMO COM A ECONOMIA

Apesar da melhora nos indicadores de casos de Covid-19 e de mortes pela doença, a maioria dos brasileiros continua com medo de frequentar alguns tipos de estabelecimento. É o que mostra a pesquisa *Brasileiros e pós-pandemia*, encomendada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) ao Instituto FSB Pesquisa – realizada entre os dias 18 e 23 de novembro.

Os medos menos citados são trabalhar presencialmente (citado por 23% dos entrevistados) e ir a supermercados (25%). Os mais mencionados são ir a shows/eventos (38%) e viajar de ônibus ou avião (35%). As pessoas que não se vacinaram formam a maioria entre quem alega estar com menos medo. Além disso, a maior parte da população (55%) diz que continua usando máscara em locais abertos e fechados, enquanto 40% afirmam que só a usam em lugares fechados.





Marcelo Azevedo, gerente de Análises Econômicas da CNI, avalia que o Brasil avançou em termos de vacinação e abertura de certas atividades econômicas, mas alguns hábitos, adquiridos com a pandemia, continuam: “Isso tem efeito prático na ação das pessoas e, obviamente, efeito econômico relevante”, explica ele.

O recrudescimento da inflação em 2021, aliado ao impacto da pandemia na vida das pessoas, também tem alterado os hábitos de consumo. Azevedo lembra que, num primeiro momento, aumentaram as vendas pela internet, o que beneficiou a indústria. Depois, porém, devido às restrições de mobilidade, isso prejudicou o setor de serviços. “A grande incerteza é identificar quais hábitos vão ficar e quais vão voltar ao que era antes. Cada país, cada cultura vai ter uma saída diferente”, diz o gerente da CNI.

Conforme a pesquisa, sete em cada dez entrevistados afirmam que a inflação aumentou, e 75% dizem que sua situação financeira foi afetada pela escalada de preços. Embora analistas esperem que a inflação

em 2022 caia para cerca de 5% (ante os 10% previstos para 2021), a população está mais pessimista. Conforme a pesquisa, 56% dos entrevistados acreditam que os preços continuarão subindo nos próximos meses.

Além disso, 70% consideram a situação econômica do país ruim ou péssima. Apenas 8% dizem que é ótima ou boa e 56% dizem que ela piorou nos últimos seis meses, contra 22% que dizem ter percebido melhora.

Já as perspectivas para 2022 estão divididas: 34% acham que a economia vai melhorar; 27%, que será igual, e 32%, que vai piorar. Apenas 7% acham que a economia vai melhorar muito nos próximos seis meses, e metade dos brasileiros (49%) consideram a atual crise econômica mais grave que as anteriores.

MEDO DA DOENÇA

De acordo com a pesquisa, 53% dos brasileiros continuam achando que a situação da Covid-19 no país é grave ou muito grave; em julho, eram 72%. Para outros 21%, a situação atual é mais ou menos grave, enquanto 20% dizem que ela não é nada grave.

Entre julho e novembro, o percentual da população com medo da pandemia grande ou muito grande diminuiu de 47% para 38%. Curiosamente, quem tem mais medo é o público imunizado com duas doses ou dose única (40%). Entre os não vacinados, o medo cai para 25%.

O médico Gonzalo Vecina, ex-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), diz que a preocupação identificada pela pesquisa se justifica pelo fato de o vírus ainda estar circulando. “Frequentar lugares públicos sem os devidos cuidados é uma forma de se encontrar com o vírus”, afirma. Segundo ele, a percepção do brasileiro médio é de que o uso de máscaras ainda é necessário. “Estamos caminhando para o fim da pandemia, mas a vacinação tem que alcançar também os países mais pobres”, adverte, lembrando que é preciso se preocupar “com



► Marcelo Azevedo, gerente de Análises Econômicas da CNI, diz que a vacinação contra a Covid-19 permitiu a reabertura de algumas atividades, mas isso ainda não é suficiente para uma recuperação mais forte da economia

outras crises sanitárias” à medida que aumenta a destruição do meio ambiente.

VACINAÇÃO

De acordo com o levantamento, 93% dos brasileiros com 16 anos ou mais afirmam que já tomaram pelo menos a primeira dose de alguma vacina contra a Covid-19; 81% já tomaram duas, três ou a dose única, isto é, concluíram o ciclo vacinal. Entre aqueles que se imunizaram, seis em cada dez se dizem bem protegidos, mas 40% dos brasileiros têm medo grande ou muito grande de conviver com não vacinados.

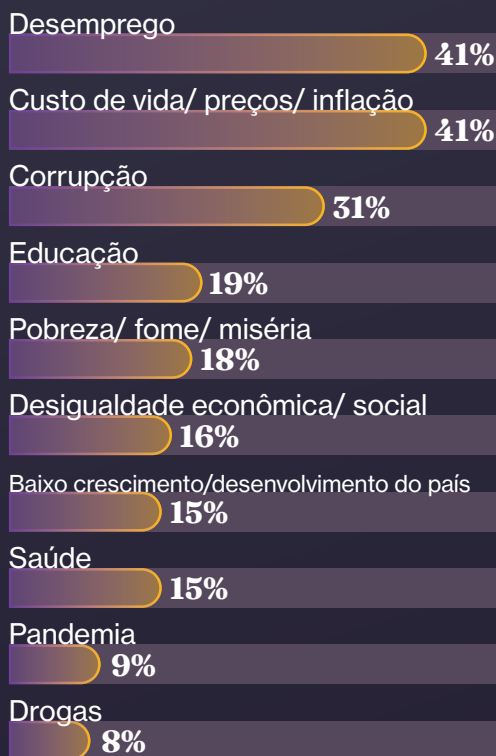
Na avaliação da psicóloga Monica Feitosa Santana, a percepção sobre a pandemia é evidenciada pelo fato de que “as pessoas têm dificuldade em enxergar uma melhora quando isso não tem impacto direto no cotidiano”. Segundo ela, o medo de conviver com indivíduos não vacinados é fruto da desinformação. “Existem notícias falsas circulando e isso afeta a percepção da realidade que as pessoas têm sobre o processo de vacinação”, comenta.

Ainda acerca da pandemia, 39% dos entrevistados defendem o fim da obrigatoriedade do uso de máscaras, e 49% são contrários a essa medida. Questionados sobre o que fariam se as máscaras deixassem de ser obrigatórias, 71% dos brasileiros dizem que a continuariam usando (35% usariam em qualquer situação e 36% usariam em situações específicas). Apenas 28% alegam que iriam parar de usar máscaras se elas deixassem de ser obrigatórias.

Mônica Santana lembra que, além do receio real do ambiente fechado, não se pode perder de vista que há uma nova variante, a ômicron. “Não sabemos o nível de eficácia que a vacina tem em relação a essa variante. Algumas pessoas preferem acreditar na ineficácia da vacina, pelo temor em relação a tudo o que foi ouvido anteriormente, a confiar no que é cientificamente comprovado: que a vacina tem eficácia e diminui o impacto do vírus quando acessa o organismo”, avalia ela. ■

Os dez principais problemas do país

segundo os entrevistados



(Mais de uma citação era permitida)

Metodologia:

Foram entrevistados pessoalmente 2.016 cidadãos com idade a partir de 16 anos, nas 27 Unidades da Federação (UFs). A margem de erro no total da amostra é de 2 pontos percentuais, com intervalo de confiança de 95%. A amostra é controlada a partir de quotas de: (a) sexo, (b) idade, (c) região e (d) escolaridade.

Após a pesquisa, foi aplicado um fator de ponderação para corrigir eventuais distorções em relação ao plano amostral. Devido ao arredondamento, a soma dos percentuais pode variar de 99% a 101%.

FONTE: Instituto FSB Pesquisa/CNI



Um ano muito complicado

ECONOMISTA PREVÊ UM 2022 DIFÍCIL PARA O BRASIL, POR CAUSA DA POLÍTICA FISCAL E DA TENSÃO ELEITORAL

Apesar da recuperação no crescimento econômico mundial, 2022 ainda será de muitas incertezas e turbulências na economia brasileira. “O próximo ano é muito complicado. Um ano eleitoral tenso, com candidatos que precisam ser acompanhados em suas políticas econômicas”, resume Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados, que projeta um desempenho perto de zero para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil.

Olhando o cenário externo, quais são as perspectivas para a economia brasileira em 2022?

Do ponto de vista internacional, é interessante observar que serão dois anos de crescimento muito forte. O PIB mundial vai crescer cerca de 11% em 2021 e 2022. Não é normal crescer nessa magnitude. Estamos saindo da pandemia, com políticas monetária e fiscal intensas desde o ano passado – por um lado, estimulando demanda e, por outro, afetando a oferta. Esse descasamento, que é raro de ver, entre uma pressão forte de demanda e uma desaceleração de oferta, leva a um processo inflacionário mundo afora, especialmente nos Estados Unidos, que estão com uma pressão inflacionária rara, que não vemos há 40 anos. Por causa disso, temos essa perspectiva de mudança de política

monetária. No ano que vem, as taxas de juros nos Estados Unidos vão começar a subir. Muito disso já está incorporado em preços de ativos em geral, mas há uma certa insegurança de que a inflação esteja acelerando em um nível mais preocupante do que o FED (Banco Central americano) está percebendo, e a gente pode precisar de uma mudança mais radical. Outro país de interesse é a China. Ela passou por um processo de impacto, por causa do mercado de construção, nos últimos dois meses. O crescimento lá está tateando em torno de 5%. Hoje, cerca de 30% do PIB chinês é relacionado ao mercado de construção. O processo de desaceleração desse segmento pode colocar alguns percalços na recuperação chinesa.

A inflação é também uma preocupação no Brasil, onde os combustíveis vêm pressionando a alta de preços. Como o senhor vê o cenário do preço do petróleo para o próximo ano? O preço do petróleo tem vários componentes. Neste momento, também temos esse descasamento entre demanda e oferta, uma recuperação forte da economia, desinvestimento ao longo da última década por causa da pressão ambiental e, especificamente, produção parada desde o ano passado. A demanda está pressionada por questões internacionais e questões domésticas não resolvidas, como a fiscal, que se junta ao cenário político turbulento no ano que vem. Quando pegamos as duas pontas, a tendência é que não haja sossego por parte dos combustíveis, por causa de problemas no câmbio e no preço do barril de petróleo.

Hoje faltam insumos em alguns setores. Isso pode se prolongar? De certa forma, pode se prolongar no curto prazo mas, dado que a retomada está normalizando [a disponibilidade de insumos] e aquela forte

expansão de consumo dá sinais de desaceleração, talvez a produção também comece a normalizar. Eu diria que essa falta generalizada está começando a cair. Claro que, por trás disso, precisamos acompanhar produtores industriais importantes, como Alemanha e China, que ainda estão às voltas com as questões da pandemia. Isso dificulta a retomada plena neste momento. Estamos melhorando, mas uma normalização completa vai depender de uma saída muito mais agressiva para esses países. Espero que possa acontecer em 2022 e, talvez, lá em 2023, tenhamos uma normalização bem mais completa dessa disrupção das cadeias de produção.

Internamente, o que você espera para a economia brasileira no próximo ano? O próximo ano é muito complicado. Um ano eleitoral tenso, com candidatos que precisam ser acompanhados em suas políticas econômicas. Pegamos de saída uma inflação de dois dígitos, que não tem sido comum desde que o Plano Real foi lançado, em 1994. Tivemos três momentos de inflação de dois dígitos, só que nos outros – 2002, 2003 e 2016 – tivemos uma mudança política que conseguiu ajustar a casa, trazendo uma perspectiva de reformas que ajudou a acomodar a taxa de câmbio e pôr as expectativas para baixo. Hoje, temos um governo que abdicou do poder de fazer políticas econômicas e está entrando em um ano eleitoral complicado. Está propondo políticas fiscais muito agressivas, e ainda temos mais de um ano desta forma. No curto prazo, a tendência de um sistema pressionado continua. No ano que vem, o Banco Central vai subir a taxa de juros com intensidade para tentar manter a inflação em torno de 5%. Nossa previsão é de um crescimento da economia próximo de zero. ■

Indústria e

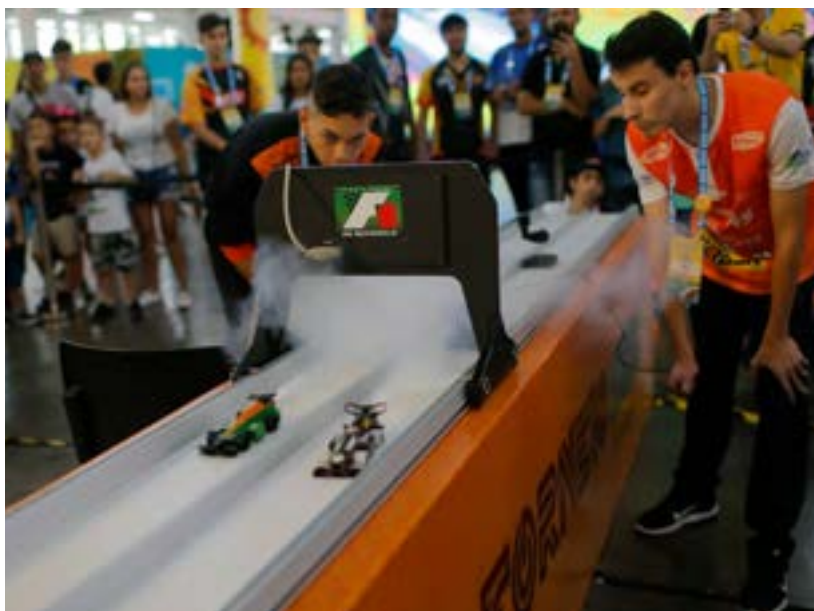


EVENTO DESTACA DESAFIOS DA TECNOLOGIA 5G NO BRASIL

A tecnologia 5G depende de atualização das leis municipais que regulam a instalação de antenas. Essa foi uma das principais conclusões da live promovida pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), em parceria com a Federação Brasileira de Bancos (Febraban) e com a Nação Consultoria. No evento, Claro, Abrintel e Huawei defenderam a simplificação do licenciamento e a formação de mão de obra qualificada.

SESI DÁ LARGADA NA TEMPORADA 2021/2022 EM COMPETIÇÃO DE FÓRMULA 1

Sinal verde para a nova temporada da *F1 in Schools*, disputa que contará com a participação de 350 estudantes de escolas do Serviço Social da Indústria (SESI) de todo o Brasil. A competição faz parte de um projeto internacional realizado pela própria *Fórmula 1* com o objetivo de criar um ambiente de aprendizado para jovens de 9 a 19 anos. Ela simula desafios reais de uma corrida profissional de *F1* e envolve desde a criação da escuderia até o enfrentamento nas pistas entre os protótipos de carros. A etapa nacional será em maio de 2022, de maneira presencial, em São Paulo.



m Ação



PANDEMIA TROUXE NOVOS DESAFIOS ÀS RELAÇÕES DE TRABALHO

A possível obrigatoriedade da vacinação contra a Covid-19 foi um dos temas discutidos no *19º Encontro Nacional dos Advogados do Sistema Indústria*, no dia 26 de novembro. No evento, a presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST), Maria Cristina Peduzzi, destacou que a pandemia trouxe novos desafios às relações de trabalho, como a intensificação do teletrabalho e da economia colaborativa. “Para manter a segurança jurídica em meio a essas mudanças, é urgente a demanda por novas regulamentações”, afirmou a ministra.

CNI E FIERO APRESENTAM INSTITUTO AMAZÔNIA+21 PARA INVESTIDORES EM DUBAI

O diretor do Instituto Amazônia+21, Marcelo Thomé, apresentou a iniciativa, no dia 15 de novembro, a investidores estrangeiros no fórum *Invest in Brazil*, organizado pela Apex-Brasil em Dubai. O instituto foi criado por meio de uma parceria entre a Federação das Indústrias do Estado de Rondônia (FIERO), presidida por Thomé, e a CNI. O objetivo do projeto é apoiar empresas e novos empreendimentos na região amazônica e conectá-los com fundos de investimento e grandes organizações interessadas em financiar negócios sustentáveis ou em participar deles.

COMITÊ DE LÍDERES DA MEI FAZ BALANÇO DE 2021

O presidente do Conselho de Administração da Ultrapar, Pedro Wongtschowski, apresentou um balanço das atividades da Mobilização Empresarial pela Inovação (MEI) em 2021 na última reunião do comitê de líderes do grupo. O evento foi realizado no dia 3 de dezembro, de maneira virtual, e discutiu, ainda, a entrada do Brasil como membro da Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (CERN) e as oportunidades para a indústria. Na oportunidade, também foi apresentada a agenda da MEI para inovação e sustentabilidade para os próximos anos.



▼ Competitividade

► Para especialistas, “crise dos contêineres” é sintoma do rearranjo das cadeias produtivas e Brasil precisa melhorar logística para vencer os desafios atuais





Contêineres cinco vezes mais caros

PREÇO MÉDIO DO CONTÊINER SOBE DE US\$ 2 MIL PARA US\$ 10 MIL, NAVIOS FAZEM FILA NOS PORTOS MUNDIAIS E BRASIL SOFRE MAIS POR ESTAR DISTANTE DAS PRINCIPAIS ROTAS DE COMÉRCIO

Apesar de ser motivo de comemoração após o *lockdown* severo da temporada 2020-2021, a retomada da atividade econômica também escancarou problemas que ficaram amortecidos no período de mais restrições causadas pela pandemia. Um dos desequilíbrios foi a explosão do preço dos contêineres utilizados no frete marítimo, que aumentou cinco vezes em relação aos anos anteriores. Somado às características geográficas e comerciais brasileiras, esse cenário impactou dramaticamente os exportadores.

O Brasil responde apenas por 1% do comércio mundial regular de contêineres, devido à sua localização. As principais rotas – mais baratas e mais movimentadas – encontram-se no hemisfério norte. Além disso, as características da balança comercial brasileira, que envolve mais exportação de commodities do que de produtos manufaturados, desequilibram ainda mais as contas. “No caso das commodities, os navios ainda podem atracar e encher, sem a necessidade dos contêineres. Já com os produtos manufaturados, só vale a pena a embarcação vir até aqui se tiver volume de produção suficiente que remunere a viagem de ida e volta do navio. Caso contrário, a operação torna-se inviável”, afirma o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro.

Com isso, o preço do contêiner, que era de US\$ 1,8 mil a US\$ 2 mil por unidade antes da pandemia, pulou para US\$ 10 mil a US\$ 12 mil. Recentemente, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) fez uma consulta com 128 empresas e associações industriais. O resultado mostrou que mais de 70% dos entrevistados sofreram com a falta de contêineres ou de navios e mais da metade foi obrigada a cancelar ou suspender as atividades. A pesquisa também apontou que 96% das empresas perceberam um aumento no valor do frete de importação e 76% no das exportações.

O engenheiro, economista, consultor e especialista em logística Frederico Bussinger considera impróprio o termo “crise dos contêineres”. Não por acreditar que o problema não exista, mas por achar que ele é um sintoma, “uma febre”, de um processo maior de rearranjo das cadeias produtivas globais. “O ciclo de produção global era muito baseado na operação *just in time*, o mundo estava pouco acostumado a fazer estoques e a produção saía direto para a venda.

▼ Competitividade

Isso mudou e a necessidade de armazenamento tornou-se maior. Haverá uma reorganização natural do processo”, diz Bussinger.

Ele aponta outro problema que dificulta o cenário do Brasil. “O país não tem armadores, grandes empresas de navegação. Essa escassez, somada às características de nossa pauta exportadora e à necessidade de importação de produtos manufaturados, como eletroeletrônicos, sobretudo da Ásia, torna nossa operação ainda mais cara”, acrescenta o especialista em logística.

A China tornou-se o epicentro do desbalanceamento entre oferta e demanda, fazendo com que houvesse um acúmulo de produtos nos portos, escassez de contêineres vazios e filas enormes de navios à espera de espaço para atracação. O Brasil também deve ser impactado pela necessidade de recomposição dos estoques europeu e americano para o fim do ano, o que pressionaria ainda mais os preços do frete marítimo. Além disso, o equilíbrio global está sendo impactado pelo aumento maciço do *e-commerce*, uma realidade que impulsionou vendas, alavancou o comércio e foi

potencializada exponencialmente durante a pandemia da Covid-19.

“Logística não trata de transportes, e sim de fluxo: de cargas, pessoas, informação e dinheiro. Aumentamos os investimentos e apostamos na inteligência artificial, que tem alterado o ritmo de produção e comercialização. Precisamos atentar para a questão de cargas e a de pessoas, os principais gargalos desta retomada”, prossegue Bussinger.

A diretora da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq), Flávia Takafashi, concorda que a ausência de contêineres está atrelada ao aumento no ritmo comercial, e não a uma falta do produto no mercado. Dados da agência mostram que houve, em setembro deste ano, um aumento médio de 15% no movimento de contêineres nos portos brasileiros, se comparado ao mesmo mês de 2020. Estabelecendo-se um recorte de importações, o aumento foi de 24,2% e, no caso das exportações, de 8,3%.

“Como a demanda está muito maior do que a oferta, há um aumento na sobre-estadia (tempo em que os produtos demoram no porto) e nas dificuldades para o embarque de mercadorias”, explica Flávia. Segundo ela, a Antaq está atenta, mantendo o diálogo com os exportadores e os armadores, em busca de soluções que diminuam os prejuízos de lado a lado. “São tempos difíceis, pois a situação ainda vai levar um tempo para ser normalizada”, diz a diretora.

Representante de outro *player* importante dessa equação, o presidente da Associação Brasileira dos Terminais Portuários (ABTP), Jesualdo Silva, lembra que a demanda reprimida por consumo deriva do fato de que, durante a pandemia, as pessoas foram forçadas a economizar. Ele menciona, por exemplo, um estudo da consultoria financeira *Moody's* que estimou que, ao longo de 2020, quando os *lockdowns* e o isolamento social foram rígidos, as pessoas ao redor do mundo conseguiram economizar mais de US\$ 5,4 trilhões.

Com a indústria de serviços paralisada, o foco passou a ser a aquisição digital de bens, em um surto de demanda que surpreendeu importadores, prestadores de



► “São tempos difíceis, e acreditamos que a situação vai levar um tempo para ser normalizada”, diz Flávia Takafashi (Antaq)

serviços de logística e fábricas em todo o mundo. “Existem estimativas apontando que esse pico de demanda extra se traduziu na necessidade de movimentar mais de 119 milhões de contêineres entre janeiro e agosto, o que representa 6% a mais do que o mesmo período em 2019. Por ano, são movimentados 775 milhões de contêineres”, afirmou Jesualdo.

O presidente da ABTP destaca, contudo, a resiliência dos portos brasileiros. Com base em dados do Ministério da Economia, Jesualdo ressalta que, até a terceira semana de novembro deste ano, as exportações totalizaram US\$ 249,5 bilhões, ante US\$ 190,7 bilhões no ano passado – aumento de 35,5%.

“A ABTP segue monitorando a movimentação nos terminais de contêineres do país, em busca de soluções colaborativas com as companhias de navegação e também com as autoridades brasileiras, caso identifiquem impactos nas operações dos portos”, disse Jesualdo. ■



◀ “Precisamos atentar para a questão de cargas e a de pessoas, os principais gargalos desta retomada”, defende o especialista em logística Frederico Bussinger

ENTRE AS 128 ASSOCIAÇÕES INDUSTRIAIS E EMPRESAS OUVIDAS PELA CNI...

76% relataram aumento no valor do frete das exportações

31% relataram comunicação em prazo insuficiente nas suspensões

74% relataram indisponibilidade de navios ou de espaço

28% relataram cobrança indevida por sobre-estadia/demurrage

69% relataram indisponibilidade de contêineres

66% relataram cancelamento/omissão de embarque programado

58% relataram suspensão de rotas ou escalas semanais

44% relataram comunicação em prazo insuficiente nos cancelamentos

Fonte: CNI



Um bom ano no Congresso

APROVAÇÃO DA NOVA LEI DO GÁS E AVANÇO DO PROJETO BR DO MAR ESTÃO ENTRE OS DESTAQUES DE 2021, MAS FALTA AVANÇAR NAS REFORMAS

Com o avanço de 142 proposições convergentes até novembro de 2021, a indústria brasileira teve um bom ano no que diz respeito ao encaminhamento dos seus temas prioritários no Congresso Nacional. Questões que constavam havia algum tempo da Agenda Legislativa da Indústria, além de outras, incorporadas recentemente, tiveram avanços significativos ou foram aprovadas.

É o caso, por exemplo: da constituição permanente do Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe); da autonomia do Banco Central; da evolução dos debates sobre mercado de carbono e licenciamento ambiental; da Lei das Ferrovias; e do PL 4100/2020, mais conhecido como BR do Mar, de estímulo ao transporte por cabotagem.

Outro grande destaque de 2021 foi a regulamentação da *Nova Lei do Gás*, que moderniza o setor, permite a expansão da rede brasileira de gasodutos, fomenta a indústria de gás natural e pode reduzir o preço do produto para a indústria em geral e para o consumidor final.

Além dessas conquistas, o gerente-executivo de Assuntos Legislativos da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Marcos Borges, resalta que 2021 ainda não terminou. “Em final de ano, normalmente, não há aumento de deliberação de matérias gerais, mas há das matérias de interesse da indústria, principalmente em anos pré-eleitorais”, diz ele.



▼
Apesar do saldo positivo em 2021, especialistas apontam que matérias essenciais, como a reforma tributária e a administrativa, pouco avançaram no Congresso



O executivo acredita que algumas proposições estratégicas podem avançar antes do recesso parlamentar, como a reavaliação da BR do Mar pelos deputados federais e a definição sobre o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Indústria de Semicondutores (PADIS), cujo texto já foi aprovado pela Câmara.

Se, por um lado, o setor celebra as conquistas, por outro, segue atento à falta de definição sobre matérias fundamentais para a superação de dificuldades estruturais e econômicas que atrapalham o crescimento do país e influenciam negativamente o ambiente de negócios. Luis Henrique Baldez, presidente-executivo da Associação Nacional dos Usuários do Transporte de Carga (ANUT), por exemplo, ressalva que as proposições não caminharam “na forma e na velocidade que gostaríamos”.

Como explica o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Panificação e Confeitaria (ABIP), Paulo Menegueli, a ausência de definições e encaminhamentos mais expressivos se dá em relação às reformas estruturantes. “Considero bons os impactos e a

convergência de ideias dentro do cenário político e econômico neste ano de 2021. Contudo, precisamos trabalhar para avançar mais em pautas como a reforma tributária ampla, a reforma administrativa e a legislação relacionada a licenças ambientais”, defende.

Presidente-executivo da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (ABINEE), Humberto Barbato faz coro com Menegueli, mas se mostra otimista em relação ao próximo ano. “Carecemos da implementação dessas reformas estruturais para que possamos aproveitar todo o potencial da indústria instalada no país. Por isso, mesmo em um ano eleitoral, esperamos que essa pauta avance em 2022”, pontua ele.

EXPECTATIVAS

A ressalva em relação ao ano eleitoral tem fundamento. Nesse período, o ritmo das atividades legislativas tende a diminuir, principalmente a partir do encerramento da janela partidária, no dia 31 de março. Segundo Carolina Venuto, presidente da Associação Brasileira de Relações Institucionais e Governamentais (ABRIG), isso ocorre porque esse é o momento em que os parlamentares precisam definir as alianças e os acordos que poderão auxiliá-los em suas campanhas, com destaque para a distribuição das verbas dos fundos partidário e eleitoral. “Essas atividades exigem uma forte articulação com as lideranças partidárias e com os colégios eleitorais, deixando pouco tempo livre para as atividades em Brasília, no Congresso Nacional”, explica.

Carolina Venuto não acredita que esse cenário vá se modificar em 2022, especialmente porque “teremos as novas regras eleitorais de fim das coligações e introdução das federações partidárias, que deverão impor novos desafios a essas dinâmicas”. Para ela, diante das articulações necessárias para colocar de pé uma campanha eleitoral, “propostas mais complexas, em especial as impopulares, como as que alteram direitos trabalhistas e a arrecadação tributária, tendem a entrar em compasso de espera até que nova legislatura se inicie”.



► Carolina Venuto (ABRIG) lembra que as atividades legislativas tendem a diminuir por causa das eleições, que dificultam as articulações entre lideranças

NÚMEROS DA AGENDA LEGISLATIVA DA INDÚSTRIA (ALI) EM 2021

10 DAS **91** PROPOSIÇÕES DA ALI 2021 COM POSICIONAMENTO CONVERGENTE VIRARAM LEIS, COMO A NOVA LEI DO GÁS NATURAL

50 PROPOSIÇÕES DE PRIORIDADE ALTA TIVERAM ALGUMA DELIBERAÇÃO POSITIVA

52 PROPOSIÇÕES DE PRIORIDADE MÉDIA E **40** PROPOSIÇÕES DE PRIORIDADE BAIXA TAMBÉM AVANÇARAM

AO TODO, **142** PROPOSIÇÕES AVANÇARAM, SENDO **118** NA CÂMARA DOS DEPUTADOS E **34** NO SENADO FEDERAL DESSAS **142**, **112** SÃO DE INTERESSE GERAL, E **30**, DE INTERESSE SETORIAL

OBS: DADOS RECOLHIDOS EM NOVEMBRO DE 2021.

FONTE: CNI

Já o presidente-executivo da ANUT chama a atenção para outro ponto que, segundo ele, não pode ser colocado em segundo plano no próximo ano: a efetivação das matérias aprovadas em 2021. “Em 2022, vamos ter um trabalho muito grande para ter essas leis promulgadas e também regulamentadas. Essas etapas são tão importantes quanto a aprovação da própria lei, e vai ser um desafio fazer tudo isso em ano eleitoral”, alerta.

ESTRATÉGIAS

Experiente nos desafios adicionais da agenda legislativa em anos de eleição, o gerente de assuntos legislativos da CNI fala sobre a preparação da entidade para 2022. Tendo em vista que, dado o calendário eleitoral,

só teremos até a metade de junho para avançar os projetos”, conta Marcos Borges.

Aliada a essa antecipação, outra estratégia consistirá na definição de uma pauta mínima, composta por proposições que não sejam ideologicamente controversas. “O que norteia a elaboração da pauta mínima é a busca por projetos em que haja maior consenso entre os partidos, e que não envolvam temas considerados populistas ou eleitoreiros. Temos muitos projetos nessa linha que podem ser trabalhados”, diz ele.

Entre as proposições que devem integrar a pauta mínima de 2022 estão as de infraestrutura e de meio ambiente que visem substituir regras antiquadas, tratando, por exemplo, do reúso da água ou da reciclagem. “São pautas que conversam tanto com a direita quanto com a esquerda”, resume Borges. ■

5 perguntas



Senadora Kátia Abreu (PP-TO)

Presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE) e representante do Senado Federal na Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP26).

▲
“Precisamos ter a compreensão de que somos nós mesmos os maiores beneficiados com o cumprimento dos compromissos de redução da emissão de gases poluentes e do desmatamento ilegal. Aliás, cumprir nossas metas beneficia exclusivamente o Brasil.”

1 QUAL É A SUA AVALIAÇÃO SOBRE OS RESULTADOS DA COP26?

Acho que o Brasil fez um papel bonito. As entidades empresariais deram um show. A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) e o Ministério do Meio Ambiente cumpriram com seus papéis. Todos os atores estratégicos se manifestaram adequadamente em prol do Brasil, resultando em um discurso único. De tudo o que eu vi, posso garantir que a atuação brasileira no âmbito da Conferência consistiu em uma defesa contundente e muito pragmática do nosso país. Não houve espaço para paixões, brigas ou argumentos alterados. Agora, tirando essa parte, todo o resto foi negativo. As nações ricas seguem não querendo dar dinheiro para compensar os países em desenvolvimento, que são os mais impactados pelas metas de redução das emissões, nem para financiar ações contra o aquecimento global. Também não querem reduzir rapidamente as suas emissões de dióxido de carbono nem estabelecer regras globais para o mercado de carbono. Fora isso, cada Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas resulta em mais exigências e cobranças por maior comprometimento para evitar que o aquecimento global ultrapasse a marca de 1,5 °C em relação ao século 19. A impressão que fica, a cada novo encontro, é de que apenas os países em desenvolvimento se esforçam, e são efetivamente cobrados, em relação a essa agenda.

para...

2 QUAL É A IMPORTÂNCIA DE AVANÇARMOS NA PAUTA DA SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL E VIABILIZARMOS A BIOECONOMIA NO PAÍS?

O Brasil só precisa acabar com o desmatamento ilegal, porque o resto nós já fazemos. Avançamos em todos os campos sem ninguém nos ajudar. Na agricultura, por exemplo, temos uma produção de baixo carbono, desenvolvida com tecnologias moderníssimas. O que precisamos é manter a produção crescente e com esse viés da sustentabilidade. Além disso, estamos avançando na instituição do Mercado Brasileiro de Redução de Emissões (MBRE), que é voluntário, mas também é o primeiro passo para que tenhamos um mercado regulado, com metas claras e bem definidas de redução para os grandes emissores.

3 COMO A INDÚSTRIA PODE CONTRIBUIR COM ESSE AVANÇO?

De forma prática, a indústria pode tentar reduzir as emissões de gases de efeito estufa, trocando sua matriz energética por uma mais sustentável. Não acredito que isso seja um problema para o nosso setor industrial, pois minha percepção é de que essa é uma questão já incorporada pelas indústrias nacionais, que têm contribuído muito com o avanço do país nessa questão ambiental. Grande parte daquelas que são altamente poluentes têm ajustado o seu modo de produção, buscando alternativas menos poluentes e mais sustentáveis. A verdade é que o Brasil inteiro está incluído e sensibilizado para essa questão. Entre os empresários, há um amadurecimento muito grande. Eles participam ativamente das discussões ambientais e não se omitem.

4 QUAIS SÃO AS PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO AO CUMPRIMENTO DOS COMPROMISSOS AMBIENTAIS ASSUMIDOS PELO BRASIL?

Precisamos ter a compreensão de que somos nós mesmos os maiores beneficiados com o cumprimento dos compromissos de redução da emissão de gases poluentes e do desmatamento ilegal. Aliás, cumprir nossas metas beneficia exclusivamente o Brasil. Por exemplo, apenas para ficar na esfera do agronegócio, ao combatermos o desmatamento ilegal e reduzirmos as emissões, conseguiremos preservar a chuva, tão necessária para a manutenção da produção de alimentos em todo o nosso território.

5 QUAL É A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NO ATUAL QUADRO DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS?

O Brasil virou o alvo preferencial do mundo quando a questão é a preservação ambiental, mas a verdade é que a mudança climática ocorrida no planeta até este momento é de responsabilidade dos europeus e dos norte-americanos. A nossa contribuição no aquecimento global registrado até agora é insignificante. Não representamos nada, o que não significa que não tenhamos de fazer a nossa parte. Agora, se formos avaliar os 170 anos transcorridos desde a Revolução Industrial, o resultado não deixa dúvida: os Estados Unidos e a Europa foram os grandes emissores de gases poluentes e os grandes beneficiários de um modelo nada sustentável de desenvolvimento. Nós somos credores, e eles precisam ajudar os países em desenvolvimento, que, agora, não poderão fazer o que eles fizeram lá atrás. Basta ver que, nesses países, a renda *per capita* da população é de 45 mil dólares, enquanto a nossa é de 13 mil dólares. Não é justo que paguemos a conta sozinhos. ■

Economia deve crescer 1,2% em 2022

ESSA É A EXPECTATIVA DA CNI, QUE TAMBÉM PROJETA ALTA DE 0,5% PARA A INDÚSTRIA DA TRANSFORMAÇÃO

Após uma recessão em 2020, o tão aguardado crescimento da economia em 2021 não saiu como o esperado. Mas, segundo projeções da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o Produto Interno Bruto (PIB) deve ter alta de 4,7% este ano, revertendo a queda do ano anterior.

Para 2022, em um cenário-base, a economia brasileira deve crescer 1,2%, segundo projeções do *Informe Conjuntural – Economia Brasileira*, divulgado em dezembro pela CNI. No entanto, a instituição também trabalha com outras duas possibilidades: em um cenário mais desfavorável devido à pandemia, com inflação insistente e normalização das cadeias produtivas mais lenta e incompleta, a economia pode crescer apenas 0,3%. No cenário otimista, com inflação controlada e política monetária mais dinâmica, o crescimento em 2022 pode alcançar 1,8%.





▼ Indústria de transformação deve fechar este ano com alta de apenas 5,2%, inferior à previsão anterior da CNI, de 7,9%

▼ Termômetro econômico

Os maiores desafios para o ano, de acordo com o estudo da CNI, são a inflação elevada – com consequentes altas nas taxas de juros –, o endividamento maior das famílias, a desocupação ainda alta, a escassez de insumos e matérias-primas e os custos de energia em elevação. Além de tudo isso, há incertezas sobre o andamento da pandemia e o temor de algum retrocesso, como se tem observado na Europa.

Segundo o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, o crescimento sustentável da economia depende, ainda, de um item fundamental: a realização da reforma tributária. “A complexidade e as distorções atuais – sendo a maior delas a cobrança em várias etapas da produção (cumulatividade) – elevam os custos de mercadorias e serviços, reduzem a competitividade das empresas nos mercados externo e interno e travam o crescimento da economia”, destaca Andrade.

O dirigente da CNI afirma, ainda, que “é preciso prover um ambiente favorável aos negócios, que ofereça segurança jurídica, melhore as expectativas e estimule o investimento e o crescimento econômico”.

INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

A recuperação da indústria de transformação em 2021 ficou muito abaixo do projetado para o ano. Se antes a expectativa era fechar 2021 com alta de 7,9%, a projeção da CNI é que ela aumente apenas 5,2%, afetando, diretamente, as previsões para 2022.

Considerando um cenário base, a indústria de transformação deve crescer 0,5% no próximo ano. Em um cenário otimista, poderá registrar alta de 1,5% e, num cenário pessimista, cair 2,5%.

Já o setor da construção reagiu de maneira positivamente inesperada, fazendo a CNI



rever a previsão de crescimento em 2021: passou de 5% para 8,2%. Entretanto, como é um dos setores que mais sofrem com as altas das taxas de juros, para 2022, a expectativa é registrar uma alta de apenas 0,6% em um cenário-base. No cenário otimista, o crescimento pode alcançar os 2% e, no pessimista, com política monetária mais restritiva e dificuldades mais persistentes de insumos, o crescimento seria próximo de zero em 2022.

Em 2021, a taxa de desocupação deve ficar em 13,4%. As projeções da CNI revelam que, em 2022, ela será ligeiramente inferior, caindo a 13%.

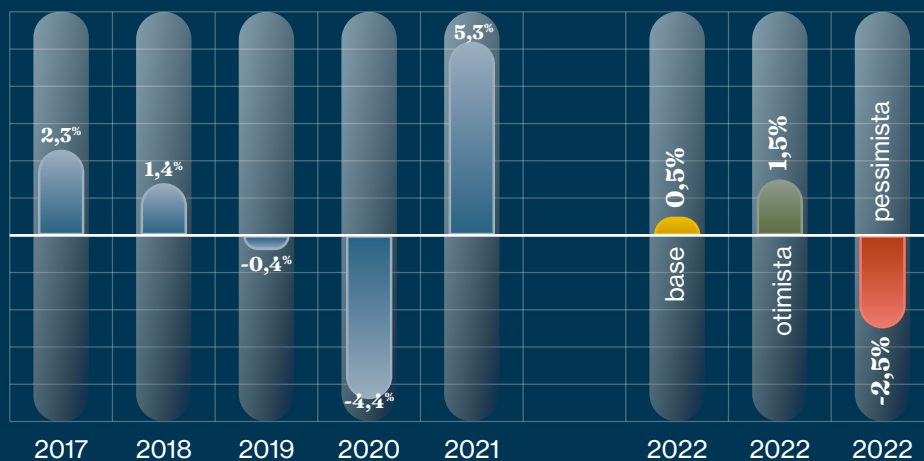
A inflação, que deve encerrar este ano próximo de 10,3%, poderia sofrer uma desaceleração no ano que vem, mas ficar em torno de 8%, enquanto o câmbio deverá encerrar 2022 no mesmo patamar de 2021, sujeito a fortes variações. ■



◀ O presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, insiste que a demora do Congresso Nacional em aprovar a reforma do sistema tributário atrasa a recuperação econômica e prejudica a competitividade do setor produtivo

...E para o PIB da Indústria de Transformação

FONTE: IBGE e projeções da CNI



Giro Brasil

► FIBRA DISCUTE NEGÓCIOS ENTRE BRASIL E PARAGUAI

A Federação das Indústrias do Distrito Federal (FIBRA) promoveu, no dia 23 de novembro, a última edição do projeto *Diálogos Comerciais*, dessa vez com foco no mercado paraguaio. No encontro, foram debatidas oportunidades para incrementar ainda mais as relações econômicas com o país vizinho. “O Paraguai é o terceiro parceiro comercial do Brasil na América do Sul, atrás apenas da Argentina e do Chile. Nosso país é seu principal importador, absorvendo um terço de todas as exportações de lá”, disse no evento o embaixador do Brasil no Paraguai, Flávio Damico.



◀ FEDERAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL BUSCA PARCERIA EM PORTUGAL

Em missão empresarial na Europa, a comitiva de gestores da Federação das Indústrias de Mato Grosso do Sul (FIEMS) visitou, em novembro, a sede do Laboratório Ibérico Internacional de Nanotecnologia (INL), em Braga, cidade localizada no norte de Portugal. O objetivo da missão foi estabelecer parcerias e trocar experiências para beneficiar a indústria sul-mato-grossense. O INL foi fundado pelos governos português e espanhol com o intuito de realizar pesquisas interdisciplinares em nanotecnologia.

SESI DO PIAUÍ É DESTAQUE NA OLIMPÍADA BRASILEIRA DE ROBÓTICA

Estudantes do Serviço Social da Indústria do Piauí (SESI/PI) dominaram os pódios da etapa estadual da *Olimpíada Brasileira de Robótica* (OBR) na modalidade prática de simulação. As equipes ficaram em 1º, 2º e 3º lugares tanto na disputa de ensino fundamental quanto na de ensino médio. Na etapa nacional, 181 equipes de todo o país participaram. O SESI Piauí ficou em 4º lugar no nível fundamental e em 10º no nível médio. No desafio virtual, as equipes tiveram que programar um robô para salvar vítimas após um desabamento.



▲ ESTUDANTE DO SENAI ALAGOAS CONQUISTA OURO NA WORLDSKILLS AMERICAS

Estudante do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) de Alagoas, Mikael Ribeiro Simões, 19 anos, levou a medalha de ouro na *WorldSkills Americas 2021* na categoria *Soluções de Software para Negócios*. O anúncio dos vencedores ocorreu no dia 27 de novembro em uma cerimônia virtual transmitida da Guatemala. Neste ano, a competição, que reúne os melhores estudantes de ensino profissional das Américas, foi totalmente online. O alagoano enfrentou rivais da Colômbia, República Dominicana, do Equador e do país-sede. As provas foram transmitidas ao vivo por *streaming*.



▲ SEMINÁRIO DE TELECOMUNICAÇÕES DEBATE DESAFIOS DA INDÚSTRIA

O XV Seminário de Telecomunicações, promovido pela Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS) no dia 22 de novembro, discutiu temas como indústria 4.0, tecnologia 5G, segurança cibernética e Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). Online, o evento contou com a participação de representantes da Anatel, da Ericsson Brasil, do Instituto SENAI de Tecnologia em Mecatrônica, da V2COM/Weg e da Digistar. Eles falaram sobre os desafios da indústria, principalmente na área de infraestrutura.

O que mudou no estágio durante a pandemia:

Pontos Positivos

- Processos de recrutamento, seleção e contratação de forma virtual ficaram mais ágeis.
- Fim das fronteiras geográficas dentro e fora do país: estágios remotos em outros estados ou países.
- O trabalho remoto favorece a organização do estagiário entre aulas e trabalho.
- A maioria das empresas estuda manter um sistema híbrido, quando o home office deixar de ser uma solução para tempos de pandemia.

Pontos Negativos

- Perda do senso de cultura do convívio pessoal nas empresas.
- Empresas deixaram de contratar enquanto o trabalho presencial não voltasse.

Fonte: IEL/ Pesquisa de Mapeamento de Mercado de Estágio - 2021



Prós e contras do teletrabalho

PESQUISA DO IEL MOSTRA AS TRANSFORMAÇÕES
PROVOCADAS PELA PANDEMIA NOS
CONTRATOS DE ESTÁGIO

O *home office* alcançou cerca de 11% dos trabalhadores brasileiros durante a pandemia em 2020, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), mas esse número poderia ser muito maior. O percentual de pessoas em potencial de teletrabalho é de cerca de 22,7% da população ativa, o que corresponde a 20,8 milhões de indivíduos, segundo outro estudo divulgado pelo Ipea no mês de outubro.

“A pandemia nos ajudou a enxergar o trabalho remoto de outra maneira. Muitos funcionários passaram a render mais com o *home office* do que com o [trabalho] presencial, sem falar na redução do estresse por não precisar pegar trânsito todos os dias e pelos custos com transporte”, relata Flávia Mello, assistente de RH da ATI Automação e Tecnologia da Informação.

A empresa mineira tem sede em Belo Horizonte e conta, atualmente, com 30 colaboradores. Entre eles, dois profissionais realizam trabalho remoto, um no Rio de Janeiro e outro no Ceará, este contratado após o início da pandemia. A experiência tem sido tão positiva que, ao receber o currículo para uma vaga de estágio de uma pessoa que não mora na capital mineira, a empresa seguiu com a seleção. Uma estudante que mora na Paraíba foi contratada

em novembro, tornando-se a primeira estagiária em trabalho remoto da organização.

Jennifer da Silva, 24 anos, é de São Paulo, mas mora em Cajazeiras, cidade que fica a 475 km da capital João Pessoa. Estudante do curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do Instituto Federal da Paraíba, ela conta que o *home office* não é uma realidade distante, já que é bastante comum em sua área.

“Se não tiver uma boa equipe e uma boa comunicação, isso pode ser bem desafiador. Às vezes sinto falta da comunicação direta, pois, querendo ou não, se torna um trabalho solitário, mas as vantagens são muito atrativas”, diz a jovem. Apesar de gostar da ideia do formato híbrido, Jennifer afirma que prefere o trabalho totalmente remoto.

A possibilidade de contratar pessoas de outras cidades ou estados para o formato remoto beneficia tanto empresas quanto

estagiários e profissionais. “Estamos vendo que é algo que dá certo, e fica muito mais fácil encontrarmos o perfil que melhor se encaixa para cada vaga”, destaca Flávia Mello, da ATI.

TRANSFORMAÇÕES POSITIVAS

Uma pesquisa feita pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL), entidade que faz parte do Sistema Indústria, com profissionais envolvidos no processo de contratação das empresas e gestores das atividades de estágio das universidades revela que a pandemia acelerou a digitalização de processos e a utilização de ferramentas para o trabalho remoto. Além disso, as empresas e as universidades apontaram mais pontos positivos do que negativos nessa nova maneira de trabalhar.

Contratar o estagiário – desde o processo de entrevista até a assinatura do contrato de forma virtual – ficou muito mais ágil e transparente. O fim das fronteiras geográficas, como é o caso da Jennifer, que mora na Paraíba e trabalha para uma empresa de Minas Gerais, foi apontado como outro fator positivo no levantamento do IEL.

Ainda segundo a pesquisa, o trabalho remoto faz com que os estudantes se organizem melhor entre aulas e trabalho. As empresas, por sua vez, começaram a identificar a necessidade de treinar os estagiários sobre como usar seu tempo no *home office* e adquirir habilidades comportamentais a distância, alguns dos maiores desafios desse formato. “A adoção desses modelos depende da formação e da atividade, mas hoje todos estão mais abertos a repensar o formato de trabalho, principalmente em áreas como a de Tecnologia da Informação”, destaca o superintendente nacional do IEL, Eduardo Vaz.

Segundo ele, a instituição tem atuado justamente para atender às transformações da sociedade, auxiliando empresas, universidades e estagiários a se adaptarem às novas demandas provocadas pela pandemia.



► “Hoje todos estão mais abertos a repensar o formato de trabalho, principalmente em áreas como a de Tecnologia da Informação”, diz Eduardo Vaz (IEL)



◀ A websérie *Foco na Carreira*, produzida pelo IEL, promove o crescimento de estagiários e já ganhou o prêmio de Melhor Programa de Desenvolvimento para Estágio do Brasil

“Todos nós vínhamos trabalhando sob modelos que foram criados há décadas. Com a pandemia, fomos forçados a nos modernizar, e o que ficou claro é que há muitas possibilidades a serem exploradas”, afirma Vaz.

Uma das novidades do IEL em 2021 foi o lançamento da websérie *Foco na Carreira*. Organizada em temporadas e episódios, similar ao que é feito por plataformas de *streaming*, seu objetivo é promover o desenvolvimento de estagiários de forma mais lúdica, com uma formação totalmente digital. A websérie, inclusive, acaba de ser premiada: ganhou o título de Melhor Programa de Desenvolvimento para Estágio do país, em premiação organizada pela LEO Learning, multinacional especializada em aprendizagem online.

LEI DO ESTÁGIO

Para que a nova realidade do estágio passe a ser uma possibilidade permanente, é necessário alterar a Lei nº 11.788/2008, conhecida como Lei do Estágio. Uma nota publicada pelo Ministério Público do Trabalho em março de 2020 autorizou o trabalho remoto para estagiários de maneira temporária, devido à pandemia. No entanto, o IEL pretende propor mudanças na lei para que ela passe a prever o estágio híbrido, em função das experiências positivas deste último ano. “A digitalização e os novos modelos adotados fizeram com que o *match* das empresas com os estagiários também fosse beneficiado, pois ficou mais ágil e assertivo. É nesse caminho que queremos seguir”, pontua Eduardo Vaz. ■



▲ Gerente de Sustentabilidade Cone Sul na Coca-Cola América Latina

A circularidade no ESG da Coca-Cola

por RODRIGO BRITO

Gosto muito da frase “a simplicidade é o mais alto grau de sofisticação”. Conseguir traduzir processos e conceitos complexos em equações ou narrativas simples é a chave para sua compreensão e adoção.

Quando tratamos de pilares, estratégias e práticas de ESG (*Environmental, Social & Governance*), acredito que o conceito de circularidade seja um dos que mais bem representam e contribuem para o avanço desses temas, pois trata do que acontece dentro e fora dos muros da empresa, conectando suas decisões e ações com os impactos (positivos ou negativos) gerados na sociedade.

O conceito de circularidade já é muito aplicado em práticas de redução e compensação de emissões de carbono, mas também pode ser aplicado em temas como água e embalagens.

Na Coca-Cola, temos, há um bom tempo, o conceito da circularidade presente e aplicado em nossas frentes de ESG. Em 2007, a companhia foi pioneira em estabelecer um compromisso público e global de devolver para os ecossistemas 100% da água que utilizamos em nossas fábricas até o ano de 2020.

É um compromisso com meta e prazo, que mobilizou diversas áreas, investimentos e toda a cadeia de valor da companhia. Desde 2015, a Coca-Cola atinge anualmente essa meta em cada país onde está presente, por meio de eficiência hídrica e de

inúmeros projetos de acesso à água, de conservação e de reflorestamento, que, no Brasil, protegem 103 mil hectares e beneficiam 150 mil pessoas.

Em embalagens, o compromisso global “Mundo sem Resíduos” foi anunciado em 2018 com a meta de coletar e reciclar 100% das embalagens comercializadas até 2030. Orientados por esse compromisso, lançamos uma série de iniciativas circulares, como a “garrafa universal” e a Crystal 100% reciclada. Além disso, ampliamos linhas de retornáveis, que hoje representam 27% de todas as vendas na América Latina. Como cada garrafa retornável é utilizada entre 15 e 25 vezes em seu ciclo de vida, só no Brasil evitamos colocar 1,6 bilhão de novas garrafas por ano no mercado.

Também temos uma série de iniciativas de coleta e reciclagem para embalagens descartáveis. Por meio de programas como “Reciclar pelo Brasil”, “SustentaPet” e “Recicla Solar”, apoiamos mais de 200 organizações de catadores em 135 cidades e, nos últimos dois anos, contribuimos com a coleta de 129 mil toneladas de resíduos.

Por maiores que sejam os desafios, vemos as iniciativas de ESG como grandes oportunidades, em que o conceito de circularidade tem contribuído para avançarmos ao conectar o que acontece dentro e fora de nossas fábricas, visando reduzir impactos negativos e ampliar impactos positivos ao longo de toda a nossa cadeia de valor. ■

Revista Indústria Brasileira

Publicação Mensal da Confederação Nacional da Indústria - CNI
www.cni.org.br

Confederação Nacional da Indústria – CNI

► DIRETORIA

PRESIDENTE

Robson Braga de Andrade

VICE-PRESIDENTES EXECUTIVOS

Paulo Antonio Skaf; Antonio Carlos da Silva; Francisco de Assis Benevides Gadelha; Paulo Afonso Ferreira; Glauco José Côrte.

VICE-PRESIDENTES

Sergio Marcolino Longen; Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira; Antonio Ricardo Alvarez Alban; Gilberto Porcello Petry; Olavo Machado Júnior; Jandir José Milan; Eduardo Prado de Oliveira; José Conrado Azevedo Santos; Jorge Alberto Vieira Studart Gomes; Edson Luiz Campagnolo; Leonardo Souza Rogerio de Castro; Edilson Baldez das Neves.

1º DIRETOR FINANCEIRO

Jorge Wicks Côrte Real

2º DIRETOR FINANCEIRO

José Carlos Lyra de Andrade

3º DIRETOR FINANCEIRO

Alexandre Herculano Coelho de Souza Furlan

1º DIRETOR SECRETÁRIO

Amaro Sales de Araújo

2º DIRETOR SECRETÁRIO

Antonio José de Moraes Souza Filho

3º DIRETOR SECRETÁRIO

Marcelo Thomé da Silva de Almeida

DIRETORES

Roberto Magno Martins Pires; Ricardo Essinger; Marcos Guerra; Carlos Mariani Bittencourt; Pedro Alves de Oliveira; Rivaldo Fernandes Neves; José Adriano Ribeiro da Silva; Jamal Jorge Bittar; Roberto Cavalcanti Ribeiro; Gustavo Pinto Coelho de Oliveira; Julio Augusto Miranda Filho; José Henrique Nunes Barreto; Nelson Azevedo dos Santos; Flávio José Cavalcanti de Azevedo; Fernando Cirino Gurgel.

► CONSELHO FISCAL

MEMBROS TITULARES

João Oliveira de Albuquerque; José da Silva Nogueira Filho; Irineu Milanese.

MEMBROS SUPLENTE

Clerlânio Fernandes de Holanda; Francisco de Sales Alencar; Célio Batista Alves.

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO

Ana Maria Curado

Superintendência de Jornalismo CNI/SESI/SENAI/TEL

SUPERINTENDENTE

José Edward Lima

GERENTE-EXECUTIVO DE JORNALISMO

Rodrigo Caetano

GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIAS SOCIAIS

Mariana Flores

Desenvolvimento e Produção

► FSB COMUNICAÇÃO

CONSULTOR EDITORIAL

Wladimir Gramacho

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Rachel Mello (DF 3877/95)

REPORTAGEM

Vivaldo de Sousa, Aerton Guimarães, Ana Flávia Flôres e Paulo de Tarso Lyra.

ASSISTENTE DE EDIÇÃO

Victor Gomes

PROJETO EDITORIAL

Guto Rodrigues

REVISÃO DE TEXTO

Renata Portella

CAPA

João Pedro Rodrigues

Informações técnicas:

tel (61) 3317-9927
imprensa@cni.com.br

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

TEM

CO

NHECI

MENTO

TEM INDÚSTRIA

CONTEÚDO, INOVAÇÃO E CONHECIMENTO. PARA QUE VOCÊ TENHA TUDO ISSO, EXISTE MUITA DEDICAÇÃO E TRABALHO DE MILHÕES DE PROFISSIONAIS DE DIVERSAS INDÚSTRIAS. A VIDA FICA MUITO MELHOR QUANDO SE TEM TUDO SEMPRE À MÃO.

*TEM DESENVOLVIMENTO. TEM INDÚSTRIA.
INDÚSTRIA BRASILEIRA. A FORÇA QUE ESTÁ EM TUDO.*

SESI SENAI

PELO FUTURO DO TRABALHO